DOI: 10.4025/jphyseduc.v32i1.3250

Artigo Original

O RUGBY NA EDUCAÇÃO FÍSICA: DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES AOS FESTIVAIS INTERESCOLARES

RUGBY IN PHYSICAL EDUCATION: FROM TEACHER TRAINING TO INTERESCHOOL FESTIVALS

Eraldo dos Santos Pinheiro[1], Patrícia da Rosa Louzada da Silva[1], Camila Borges Müller[1], Ciana Alves Goicochea[1], Gustavo Dias Ferreira[1] e **Gabriel Gustavo Bergmann[1]**

[1]Universidade Federal de Pelotas, Pelotas-RS, Brasil

RESUMO

A escola é um importante ambiente para o desenvolvimento da prática de atividade física e esportiva. Assim, com o intuito de desconstruir a polarização do esporte escolar, o rugby emerge como alternativa para aulas de Educação Física (EF). Diante do exposto, o objetivo do presente artigo foi descrever o processo de inserção do rugby no âmbito escolar na cidade de Pelotas/RS. Este estudo de caso tem origem em um projeto de extensão desenvolvido para difundir o rugby nas escolas de Pelotas-RS. Entre os anos de 2015 e 2017, com a participação de 102 professores no projeto, aproximadamente 9.600 alunos tiveram contato com o rugby durante as aulas de EF e 995 alunos, em festivais. Ademais, a maioria dos professores buscou a modalidade como uma nova alternativa de conteúdo e esperava conseguir aprendê-lo e inseri-lo nas aulas. Por fim, o rugby, além de ser inserido nos planos de ensino dos professores, passou a ser considerado como uma alternativa viável e positiva às aulas de EF.
Palavras-chave: Esporte. Adolescentes. Escola.

ABSTRACT

The school is an important environment for the development of physical and sports activity. Thus, in order to deconstruct the polarization of school sport, rugby emerges as an alternative to Physical Education (PE) classes. The aim of this article was to describe the process of insertion of rugby in the school environment in the city of Pelotas/RS. This case study originates from the extension project developed to insert rugby in the Pelotas-RS schools. Between the years 2015 and 2017, 102 teachers participated in the project, reaching around 9,600 students in PE classes and 995 students in the festivals. In addition, most of the teachers looked for the modality as a new alternative of content and hoped to be able to learn and to reproduce the content. Finally, rugby was inserted into the teaching plans of teachers and viewed positively as an alternative to PE classes.
Keywords: Sport. Adolescents. School.

Introdução

O meio escolar é um importante ambiente para o desenvolvimento da prática de atividade física e esportiva. Para isso, a disciplina de Educação Física (EF) tem o papel de abordar os elementos da cultura corporal do movimento humano com a utilização de jogos, danças, lutas, ginástica e esporte, proporcionando aos alunos vivências desses conteúdos em toda sua vida escolar[1,2].

Por sua vez, a abordagem do esporte no contexto escolar é um dos conteúdos mais frequentes na disciplina de EF, com ênfase nas modalidades hegemônicas: futsal, basquetebol, voleibol e handebol[3]. Tal prioridade acaba por limitar as oportunidades de aprendizagem, tornando-se algo repetitivo e pouco atrativo, muitas vezes fazendo com que, ao longo do tempo, os alunos percam o interesse pela prática esportiva[4].

Assis de Oliveira[5] discorre sobre a importância de se propor uma "reinvenção" do esporte na EF escolar, em que se busque uma desconstrução do fomento e da hegemonia de algumas modalidades, vindo a provocar uma produção de cultura própria daquele espaço, com práticas diversas e contextualizadas. Assim, romper com o determinismo imposto pelas modalidades hegemônicas e oportunizar novas práticas parece ser imprescindível.

CC BY

Nessa perspectiva, o rugby emerge para EF como uma possibilidade de ensino e aprendizagem, com intenção de agregar e estimular novos conceitos. Em razão de suas regras específicas, trata-se de um esporte que estimula a aprendizagem motora e cognitiva de novas habilidades, além daquelas estimuladas pelas modalidades hegemônicas[6,7]. Como exemplo desse fato, a regra que exige passes para o lado ou para trás, o que demanda uma percepção motriz que difere das demais modalidades até então vivenciadas pelos estudantes, mobilizando um novo repertório motor e tático[7]. Além disso, o rugby possui particularidades quanto à disposição dos jogadores em campo, o que exige diferentes características de compleição. Tal necessidade pode ser uma estratégia de ensino, vindo a ser tema de diálogo com escolares, no sentido de mostrar às crianças e adolescentes em formação que, independentemente de suas especificidades biotípicas, maiores ou menores, mais rápidos ou mais lentos, todos têm funções importantes na modalidade[6-9].

Outro aspecto importante a destacar é o fato de o rugby, em sua concepção, indicar cinco princípios básicos, os quais estão registrados no livro de leis do Jogo, que devem ser considerados no momento de seu ensinamento, pois se trata de preceitos que contribuem com a formação de cidadãos – a disciplina, a solidariedade, a integridade, a paixão e o respeito[6,7]. Aponta-se que tais princípios podem e devem ser debatidos em aula, instigando os escolares a entenderem por que e como os mesmos aplicam-se à modalidade e como certamente estão presentes em outros contextos de suas vidas. Ademais, o rugby é considerado uma das modalidades coletivas mais praticadas no mundo e com empenho da Confederação Brasileira de rugby tem um crescimento exponencial no Brasil[8,9].

No entanto, apesar das características educacionais do rugby, alguns fatores podem dificultar a inserção da modalidade no meio escolar. Dentre esses possíveis obstáculos, destacam-se, entre outros, o fato de transmitir a imagem de um jogo violento, a falta de conhecimento da modalidade por parte dos professores, falta de espaço adequado para a prática, além da rejeição da comunidade escolar por ser um jogo que demanda contato físico e quedas ao solo[6,7]. Assim, com a finalidade de minimizar esses pontos negativos, a World Rugby, em conjunto com as confederações nacionais, implementou o rugby tag, modalidade de iniciação ao rugby formal. Trata-se de uma versão sem contato físico, em que se utiliza um cinto com duas fitas fixado na cintura de cada jogador. Em substituição à ação de contato (*tackle*)[7], a defesa deve retirar uma das fitas para impedir o avanço adversário.

Outrossim, tendo em vista o quão amplo pode ser o conteúdo da EF, a formação continuada dos professores desse componente curricular parece ser uma alternativa, a fim de propor conteúdos inovadores, atraentes, com métodos de ensino que estimulem a atenção, a percepção e a tomada de decisão dos alunos. Além disso, é possível abordar conteúdos que podem ser incorporados ao planejamento dos gestores educacionais e ao fomento de novas formações continuadas. Neste sentido a formação continuada não só proporciona benefícios diretos aos alunos, com a oportunidade de vivenciar novas experiências, mas também aos professores de EF, perante a possibilidade de novas reflexões[10,11].

Diante do exposto, o objetivo do presente artigo foi descrever o processo de inserção do rugby no âmbito escolar na cidade de Pelotas/RS.

Métodos

A presente investigação caracteriza-se como estudo de caso, na medida em que visa compreender de forma aprofundada um fato ou realidade, independentemente de ele ser composto por um sujeito ou mais, uma organização social ou comunidade[12]. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (ESEF/UFPel), sob o parecer de n° 3.325.785.

O processo de inserção do rugby no âmbito escolar de Pelotas ocorreu a partir do desenvolvimento de um projeto de extensão de fluxo contínuo intitulado Projeto Rugby Tag nas Escolas, cujos objetivos eram: a) apresentar o rugby como uma alternativa de conteúdo para a EF escolar; b) oportunizar aos escolares a prática de uma modalidade esportiva diferente; c) contribuir para a formação continuada de professores de EF das escolas públicas.

O projeto, que ocorre desde 2015, possui regularidade anual e sua viabilidade é proveniente de uma parceria entre a ESEF/UFPel e a Prefeitura Municipal de Pelotas, por meio de um convênio do programa da Lei Municipal de Incentivo ao Esporte, o qual financia os materiais entregues aos professores durante as formações continuadas.

Para a realização das ações, a ESEF/UFPel conta com a liderança de um docente responsável e um grupo de acadêmicos do curso de EF. São oferecidas 40 vagas gratuitas para formação continuada por ano, sendo 30 para os professores das escolas públicas municipais e 10 para as escolas públicas estaduais e privadas. O Quadro 1 apresenta as etapas de desenvolvimento do projeto.

Etapa	Etapa I	Etapa II	Etapa III
Descrição	Sensibilização de professores para o ensino e a prática do rugby.	Aplicação dos conteúdos nas escolas e organização de um torneio interturmas em cada uma das escolas.	Convívio interescolar.
Método	● Contato com a Secretaria Municipal de Educação (SMED). ● Formação de 8 horas. ● Professores participantes recebem um kit contendo bolas, cintos de rugby tag e cones.	● Aplicação do conteúdo nas escolas e torneio escolar. ● Envolvimento dos acadêmicos da ESEF/UFPel no apoio e auxílio aos professores em suas escolas.	Torneio em forma de festival entre as escolas participantes do Projeto Rugby Tag nas escolas. ● Quatro equipes por escola ● Menores de 9 anos, misto (M9). ● Menores de 11 anos, masculino e feminino (M11). ● Menores de 13 anos, masculino e feminino (M13). ● Menores de 15 anos, masculino e feminino (M15).
Avaliação	Instrumento: questionário autoaplicável	Instrumento: questionário autoaplicável	Instrumento: entrevistas semiestruturadas

Quadro 1. Etapas de desenvolvimento do Projeto Rugby Tag nas escolas
Fonte: Os autores

Etapa I – Sensibilização de professores para o ensino e a prática do rugby

A realização da primeira etapa ocorreu nos anos de 2015, 2016 e 2017 nas dependências da ESEF/UFPel por meio de encontros presenciais, sendo conduzida por um *Coach Educator* da Confederação Brasileira de Rugby e da Confederação Internacional de Rugby (CBRu/*World Rugby*) e por membros do Laboratório de Estudos em Esporte Coletivo (LEECol). A carga horária de quatro horas foi dividida em parte prática e parte teórica. Nos encontros de formação continuada foram apresentadas as propostas de fomento a prática da modalidade em seus ambientes de ensino, com disponibilidade de apoio técnico de estudantes de EF e de membros do LEECol, tanto para maior aprofundamento das informações quanto para a instrução da realização de uma competição escolar sobre a modalidade.

Destaca-se que na primeira etapa no ano de 2017 implementou-se a utilização de uma ferramenta *online*, desenvolvida pela *World Rugby* (Confederação Internacional de Rugby), denominada *Get Into Rugby*[13]. O aplicativo para uso em *smartphone* apresenta diversos planos de aulas e estratégias para melhor desenvolver a modalidade no ambiente escolar.

A ferramenta é dividida em três dimensões: TENTAR, JOGAR e FICAR. O presente estudo se dedicou a implementar a dimensão TENTAR, visto ser a dimensão que mais se adéqua à realidade escolar, apresentando o rugby sem contato, ou com contato modificado, a fim de que os praticantes superem os preconceitos e gradualmente passem a entender as regras do jogo e os *rols* funcionais da modalidade (passe somente para trás, *tackle*, *scrum*, entre outros).

Com relação à avaliação da primeira etapa nos diferentes anos, foram aplicados questionários a todos os participantes como instrumentos de investigação. Porém, no estudo foram apresentados apenas alguns dos questionamentos. Do ano de 2016, investigaram as seguintes questões: *Por que os participantes procuraram a formação? Expectativa para a formação?* enquanto no ano de 2017 a primeira etapa foi avaliada somente por uma questão: *Você passou a utilizar o aplicativo online?*, avaliando o número de utilizações.

Etapa II – Aplicação dos conteúdos nas escolas e organização de um torneio interturmas em cada uma das escolas.

A segunda etapa visou, inicialmente, incentivar e orientar a aplicação da modalidade de rugby tag nas aulas de EF. Para tanto, a equipe de formadores do LEECol, de acordo com as demandas solicitadas, fez-se presente nas escolas que manifestaram interesse em aprofundar o conteúdo. Ainda nessa etapa, buscou-se orientar alunos e professores sobre as ações de jogo e competição, visando prepará-los para a realização de um torneio interturmas na própria escola. A segunda etapa foi finalizada com um encontro de duas horas nas dependências da ESEF/UFPel para relato do processo e aplicação do questionário com as seguintes indagações: *Quantos professores aplicaram a modalidade em suas aulas e quantos realizaram o torneio na própria escola? E motivos para não terem aplicado?* Além disso, no mesmo momento foi apresentada a terceira etapa do Projeto Rugby Tag nas escolas.

Etapa III – Convívio interescolar

A realização da terceira etapa, denominada festival interescolar, visava ofertar aos professores participantes das etapas de formação continuada tanto um espaço para competirem entre si quanto a promoção de mais experiências com a aplicação dos princípios esportivos do rugby. O primeiro festival, em 2015, ocorreu em uma escola federal parceira, ao passo que as edições de 2016 e 2017 ocorreram nas dependências da ESEF/UFPel.

Os instrumentos de investigação dessa etapa nos anos de 2015 a 2017 foram quantitativos e qualitativos. Nos anos de 2016 e 2017, além do controle de inscritos foi realizada uma entrevista semiestruturada com aqueles professores que aceitaram participar da mesma, sendo guiada por um roteiro, a partir do qual foram investigadas as percepções dos professores sobre o processo de formação continuada e a ocorrência de facilidades e dificuldades durante o processo.

Com relação às análises de informações para os achados quantitativos foram realizados cálculos levando em consideração os anos de 2015 a 2017. Já para os achados qualitativos foi aplicada a técnica de análise de conteúdo para explorar, identificar e aproximar os significados das evidências encontradas, bem como traçar discussões com a literatura[14].

Salienta-se que a análise das informações qualitativas do estudo gerou um volumoso acervo, difícil de ser apresentado na íntegra. Portanto, no presente estudo, são apresentados os resultados gerais e aqueles que indicam caminhos e oferecem instrumentos para a aplicação do projeto em outras localidades.

Resultados

Ao longo dos três anos de realização do projeto de extensão de fluxo contínuo Rugby Tag nas Escolas – 2015 a 2017 –, foram atendidos um total de 102 professores da rede municipal e estadual da cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, alcançando aproximadamente 9.600 escolares. Outras informações quantitativas estão descritas na Tabela 1, a seguir.

Tabela 1. Atendimentos do Projeto Rugby Tag nas escolas

	Etapa I			Etapa II			Etapa III		
	2015	2016	2017	2015	2016	2017	2015	2016	2017
Escolas	20	32	30	20	32	30	18	20	23
Professores	31	36	35	16	34	33	12	16	20
Escolares	-	-	-	2.000*	3.600 *	4.000 *	252	323	420

Nota: *Número aproximado de escolares que tiveram contato com o rugby ao longo das aulas de EF
Fonte: Os autores

Com relação aos principais achados do Projeto Rugby Tag nas Escolas, ao longo dos três anos de sua realização, no que se refere à aplicação da modalidade nas aulas de EF e realização de torneios internos, podem ser destacados os seguintes, em ordem cronológica.

Em 2015, 16 professores aplicaram a modalidade rugby tag nas aulas de EF e dois destes promoveram torneio interno. Encontrou-se como principal motivo da não realização do torneio interno o fato de que o plano de ensino anual da EF já havia sido organizado. Além disso, constatou-se que 149 meninos e 103 meninas participaram do torneio interescolar.

Em 2016, 36 professores relataram ter aplicado a modalidade rugby tag nas aulas de EF, porém sem a realização do torneio interno, sendo a justificativa de que foi um período muito curto entre a realização da formação continuada e a terceira etapa, restando pouco tempo para a etapa II. Ademais, 272 meninos e 51 meninas competiram no torneio interescolar. Já com relação às questões específicas em 2016, sobre o motivo de procurarem a formação, 92% dos professores elencaram o interesse em oferecer novos conteúdos para os alunos e sobre a expectativa para a formação, 97% dos professores indicaram esperar assimilar todo o conteúdo do encontro para aplicação com seus alunos.

No ano de 2017, 35 professores relataram ter inserido a modalidade estudada em suas aulas de EF e apontaram como o principal motivo de não realizarem o torneio interno a indisponibilidade de mais ajustes no calendário escolar, já prejudicado por razões diversas. Por fim, 305 meninos e 115 meninas participaram da terceira etapa.

Discussão

Este estudo objetivou descrever o processo de inserção do rugby no âmbito escolar na cidade de Pelotas/RS a partir da análise de informações de um projeto de extensão para a formação continuada de professores de EF. Os principais achados desta análise foram identificar que mais de 100 professores de EF da rede municipal e estadual da cidade participaram do projeto, e que a partir dos conhecimentos apresentados e discutidos durante as formações, quase 10 mil escolares tiveram a oportunidade de terem acesso ao rugby durante as aulas de EF. Desta forma, o Projeto Rugby Tag nas Escolas parece ter atendido ao seu propósito na medida que, por meio da formação continuada, os professores participantes relataram ter aplicado o conteúdo nas suas aulas de EF e ainda terem êxito na expectativa de conseguirem assimilar os seus conceitos, vindo a promovê-los na escola. Com isso, a formação continuada proposta contribuiu, de certo modo, com a ruptura do ciclo de repetição de aulas, que perpassa

o Ensino Fundamental e muitas vezes se perpetua pelo Ensino Médio, onde a prática esportiva centraliza-se nas modalidades de voleibol, basquetebol, handebol e futebol[15].

Entende-se que a ampliação cultural no ensino esportivo é uma demanda emergente, assim como a diversificação e superação de métodos tradicionais de ensino[16]. Nesse sentido, as propostas de formações continuadas, como a proposta neste estudo, são primordiais para a atualização desses profissionais, especialmente porque são conhecidos os desafios recorrentes no cotidiano dos professores de EF. Essas dificuldades decorrem, muitas vezes, da 'falta de tempo', que dificulta o constante aprimoramento, e do 'isolamento docente', que minimiza as chances de trocas de conhecimentos entre os pares. Em face dessa realidade, as formações continuadas constituem uma significativa condição de aperfeiçoamento dos docentes[17].

Compreende-se que a realização de torneios internos não foi uma prática possível aos professores investigados, mesmo sendo uma das propostas da segunda etapa, com disponibilidade dos acadêmicos do curso de EF para auxiliar. Porém, em se tratando de escola e de diferentes contextos e da "[...] suposta condição de inferioridade da EF, pois é colocada num patamar em que é questionada ou não valorizada quanto à sua contribuição na educação escolar"[18:153], é possível entender que mesmo atividades aparentemente simples podem demandar muitos enfrentamentos e, em meio às dificuldades existentes, o professor pode desistir de assumir novos compromissos para evitar sobrecargas. Ademais, não se podem subestimar os motivos elencados, como calendário escolar ou o prévio estabelecimento de plano de ensino anual.

Com relação ao quantitativo de participantes da terceira etapa, percebe-se crescimento no número de professores e de escolares. Atribui-se esse resultado a uma melhor divulgação por parte da SMED, assim como o maior conhecimento da modalidade e dos princípios base de sua prática pelos professores e escolares de Pelotas. Importa ainda somar a esses fatores a desmistificação da imagem violenta da modalidade, fato que vem a colaborar com a predisposição dos professores em aplicarem-na como conteúdo nas aulas de EF[19] .

Destaca-se, por fim, como ponto que indicou a necessidade de maior atenção, o fato de ter havido decréscimo na quantidade de meninas envolvidas na terceira etapa, de 2015 para 2016. Indica-se o aprofundamento das investigações e a necessidade de adequar o regulamento dos torneios às demandas escolares, fomentando sempre a máxima viabilidade da participação de todos.

Conclusões

Os achados do estudo reforçaram a importância da formação continuada, como oportunidade de atualização profissional, vindo a ressignificar o ensino do esporte no ambiente escolar. Diante desse contexto, pode-se inferir que a maior contribuição do presente estudo foi justamente a divulgação do processo de implementação do rugby tag nas Escolas na cidade de Pelotas, sinalizando sua significativa relevância para a disseminação da modalidade e servindo como base para a estruturação de novas ações formativas com a ampliação da capacitação de professores no Estado do Rio Grande do Sul.

Acredita-se que dentre as limitações do Projeto Rugby Tag nas Escolas destaca-se a etapa II, referente ao torneio interno nas escolas. Entende-se que a etapa necessita ser repensada, para que possa ser mais exitosa, ou retirada do processo. Por fim, outra limitação foi a dificuldade de delinear um estudo que perpassou um período de tempo longo e com um acervo volumoso de informações, que precisa ser fragmentado, deixando os autores com a incumbência de expor as correlações que entendem ser as mais representativas do estudo.

Referências

1. Brasil. Secretaria de Educação Fundamental: Parâmetros Curriculares Nacionais. Educação Física 3° e 4° ciclos. Brasília: MEC; 1998.
2. Gaya A, Torres L. A cultura corporal do movimento humano e o esporte educacional. In: Oliveira AAB, Perim GL, organizadores. Fundamentos Pedagógicos para o Programa Segundo Tempo. Porto Alegre: UFRGS; 2008, p. 57-65
3. Fortes MO, Azevedo MR, Kremer MR, Hallal PC. A educação física escolar na cidade de Pelotas-RS: contexto das aulas e conteúdos. Rev Educ Fís 2012;20(1):69-78. Doi: http://dx.doi.org/10.4025/reveducfis.v23i1.12617
4. Rosário LF, Darido SC. Sintetização dos conteúdos da educação física na escola: a perspectiva dos professores experientes. Rev Motriz 2005[acesso em 20 Nov 2019];11(3):67-78. Disponível em: https:// //www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/11n3/10LRF.pdf
5. Oliveira SA. Reinventando o esporte: possibilidades da prática pedagógica. 2ed. Campinas: Autores associados; 2005.
6. Mello JB, Pinheiro ES. O rugby na educação Física escolar: Relato de uma prática. Cad form RBCE 2014[acesso em 15 Dez 2019];1:20-32. Disponível em: http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/2024
7. Taglani FB, Laurino FC. Rugby na escola: a primeira experiência de uma turma de séries finais. Rev Didát Sistêm 2014; 16(1):317-18. Disponível em: https://periodicos.furg.br/redsis/article/view/5230
8. Moura GX, Starepravo FA, Rojo JR,Teixeira D, Silva MM. Mulher e esporte: o preconceito com atletas de rugby na cidade de Maringá-PR. Rev Motrivivência 2017[acesso em 15 Dez 2019];29(50). Disponível em : https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2017v29n50p17
9. Pinheiro ES, Migliano M, Begmann GG, Gaya A. Desenvolvimento do Rugby Brasileiro: panorama de 2009 a 2012. Rev Min Educ Fís 2013;21:990-95.
10. Greco PJ, Benda RN. Iniciação esportiva universal I: da aprendizagem motora ao treinamento físico. Belo Horizonte: Ed. UFMG; 1998.
11. Freitas DC, Pereira MPVC, Rosa AI, Trusz RD, Farias GO. Formação continuada de professores de educação física. Corpoconsciência 2016[acesso 17 Dez 2019];20(3):9-21. Disponível em : https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/4419
12. Gaya ACA, Gaya AR, Reppold Filho AR, Cardoso MFS, Brasiliense AM, Sbruzzi G. Projetos de pesquisa científica e pedagógica: o desafio da iniciação científica. Belo Horizonte: Casa da Educação Física; 2016.
13. Get Into Rugby [internet]. Rugby. [Acesso em 02 Fev 2019]. Disponível em: https://getintorugby.worldrugby.org
14. Bardin L. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70; 2009.
15. Kawashima LB, Moreira EC. Sobre as aulas de Educação Física no ensino fundamental: conhecimentos prévios para o ensino médio ou apenas mais do mesmo? Rev Prof Dosc 2020;20(43):01-23. Doi: https://doi.org/10.31496/rpd.v20i43.1302
16. Costa LCA, Nascimento JV. O ensino da técnica e da tática: novas abordagens metodológicas. Rev Educ Fís 2004[acesso em 21 Dez 2019];15(2):49-56. Disponível em https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3421
17. Krug HN, Krug MR, Krug RR. A formação continuada de professores de Educação Física da Educação Básica: concepções, desafios e perspectivas. Pesquiseduca 2019[acesso em 21 dezembro 2019];11(25):371-89. Disponível em : https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/view/920
18. Souza SP, Nascimento PRB, Fenstenseifer PE. Atuação docente em Educação Física escolar: entre investimento e desinvestimento pedagógico. Motrivivência 2018; 30(54): 143-59. Doi: https://doi.org/10.5007/2175-8042.2018v30n54p143
19. Antico S, Silva JR. A dimensão atitudinal no rugby frente à violência escolar. Rev Saber Acad 2018[acesso em 21 Abr 2021]; 1(25): 21-29. Disponível em: https://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20181113151713.pdf

ORCID dos autores:

Eraldo dos Santos Pinheiro https://orcid.org/0000-0002-5749-1512
Patrícia da Rosa Louzada da Silva: https://orcid.org/0000-0002-1706-6490
Camila Borges Müller https://orcid.org/0000-0002-7022-024X
Ciana Alves Goicochea https://orcid.org/0000-0003-1185-9665
Gustavo Dias Ferreira https://orcid.org/0000-0001-5969-7250
Gabriel Gustavo Bergmann https://orcid.org/0000-0002-6275-0232

Recebido em 24/03/20.
Revisado em 21/05/20.
Aceito em 23/05/20.

Endereço para correspondência: Eraldo dos Santos Pinheiro. R. Luís de Camões, 625 – Três Vendas – 96055-130 - Pelotas, RS. E-mail: esppoa@gmail.com